



Ana Catarina Brito Santos Sousa Vieira

**Vitimação por Stalking e Funcionamento Psicológico na Idade
Adulta: O Papel Moderador do Suporte Social**

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Célia Ferreira

dezembro de 2018



Ana Catarina Brito Santos Sousa Vieira

Vitimação por *stalking* e funcionamento psicológico na idade adulta: O papel moderador do suporte social

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime

Trabalho realizado sob orientação da

Professora Doutora Célia Ferreira

Setembro 2018

Tese/Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia 7 de Dezembro de 2018, perante o júri seguinte:

Presidente: Professora Doutora Rita Conde

Vogais: Professora Doutora Joana Cabral

Orientador: Professora Doutora Célia Ferreira

dezembro de 2018

De acordo com a legislação em vigor, é permitida a reprodução de qualquer parte desta tese/dissertação.

Agradecimentos

Com a entrega da presente dissertação termino todo um percurso que teve a duração de cinco anos, tornando a Universidade Lusófona o meu segundo lar.

Quero portanto, agradecer a toda a gente que me apoiou neste percurso sendo que em especial quero agradecer aos meus pais, Paula e José, por toda a força que me passaram , por me ajudarem a concretizar os meus sonhos e por me disponibilizarem todas as condições necessárias para que fosse possível terminar este curso. A vocês devo aquilo que sou. Amo-vos.

Aos meus irmãos, Rita e João, que nunca me deixaram desistir, fazendo-me encontrar neles uma fonte de força e inspiração. Tenho muito orgulho em vocês. Amo-vos.

Ao meu namorado João, por toda a paciência e amor que sempre me forneceu nesta longa caminhada, partilhando comigo o sonho de querer ser sempre mais e melhor. Amo-te.

À minha grande amiga Cátia, que sempre me acompanhou nesta jornada auxiliando-me sempre que necessário. Foste e serás sempre uma grande amiga para mim.

Aos meus avós, Lurdes, Salvador e Carolina, e à restante família agradeço todo o apoio e palavras de carinho durante todo este percurso.

Devo também um muito obrigada à Professora Doutora Célia Ferreira, por toda a disponibilidade e orientação que me foi sucedida durante todo este percurso. Foi uma honra fazer parte deste projeto consigo.

Por último, quero agradecer também a todos os Exm^o.s docentes e funcionários da Universidade Lusófona do Porto, que sempre me receberam tão bem e que me privilegiaram com todos os seus conhecimentos e simpatia.

Vitimação por *stalking* e funcionamento psicológico na idade adulta: O papel moderador do suporte social.

Resumo: Não obstante a atenção científica que o fenómeno de vitimação por *stalking* tem recebido no panorama internacional, este é ainda um tema menos estudado no contexto nacional. Para além disso, e à semelhança do que acontece com outras tipologias de violência, o investimento empírico (nacional e internacional) tem privilegiado a análise de dimensões de impacto para os alvos negligenciando outras dimensões importantes de saúde mental (i.e., bem-estar) e os fatores de proteção, nomeadamente o suporte social. Este estudo pretendeu ultrapassar as principais lacunas identificadas na literatura sobre experiências de vitimação e que se prende com o foco tradicional no impacto e sintomas psicopatológicos decorrentes de vivências desta natureza e, especificamente, visou aferir o papel moderador do suporte social na predição do funcionamento psicológico, tendo como variável antecedente a experiência de vitimação por *stalking* durante o último ano. Assumindo-se uma perspetiva multidimensional de Saúde Mental, o presente trabalho irá considerar não apenas dimensões negativas do funcionamento, mas também a dimensão do bem-estar, essencial para uma análise integradora do funcionamento psicológico individual. A amostra foi constituída por 494 participantes, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos. Os resultados revelaram efeitos de moderação significativos do suporte social (outros significativos e amigos) na relação entre a vitimação sofrida por *stalking* e dimensões de sintomatologia (ansiosa) e de bem-estar psicológico (domínio do meio e crescimento pessoal). É necessário um maior investimento ao nível da investigação relativamente a este tema, tendo mais em conta a necessidade das vítimas em obter um suporte social mais adequado às suas necessidades de recuperação.

Palavras-Chave: Vitimação, *Stalking*, Adulto, Saúde Mental, Bem-Estar e Suporte Social.

Abstract: Despite the scientific importance given to the phenomenon of victimization caused by stalking on an international level, this is still a subject not frequently studied in the national context. In addition, and similarly to what happens to other types of violence, empirical investment (national and international) has favored the analysis of impact dimensions for the targets, neglecting other important dimensions of mental health (i.e., well-being) and protection factors, namely social support. This study aimed to overcome the main gaps identified in the literature about victimization experiences and that are related to the traditional focus on the impact and psychopathological symptoms resulting from experiences of this nature and specifically aimed to assess the moderating role of social support in the prediction of psychological functioning, having as antecedent variable the experience of victimization caused by stalking during the last year. Assuming a multidimensional perspective of Mental Health, the present study will consider not only negative dimensions of functioning, but also the dimension of well-being, essential for an integrative analysis of individual psychological functioning. The study consisted of 494 participants, of both genders, aged between 18 and 63 years. The results revealed significant moderation effects of social support (others significant and friends) on the relationship between stalking victimization and dimensions of symptomatology (anxiety) and psychological well-being (domain of the environment and personal growth). There is a need for more research investment in this field, taking into more account the need for victims to obtain social support that is better suited to their recovery needs.

Key-Words: Victimization, Stalking, Adults, Mental Health, Well-Being and Social Support.

Índice

Enquadramento Teórico	9
Consequências e Impacto na Saúde Mental da Vitimação por Stalking	11
A Importância do Suporte Social Face a Experiência de Vitimação.....	13
Método Concetual da Investigação	16
Método	18
Participantes	18
Instrumentos	20
Procedimento	21
Resultados.....	22
Medidas descritivas das variáveis em estudo	22
Vitimação e Sintomatologia psicopatológica – Teste da Hipótese 1	22
Vitimação, suporte social e sintomatologia psicopatológica: Testes de moderação – Teste da Hipótese 2.....	23
Vitimação e BEP – Teste da Hipótese 3.....	25
Vitimação, suporte social e BEP: Testes de moderação – Teste da Hipótese 4	26
Discussão/Conclusão	29
Referências Bibliográficas	33

Índice de Figuras

Figura 1. <i>Diagrama conceptual do modelo de moderação para a predição da sintomatologia psicopatológica.</i>	17
Figura 2. <i>Diagrama conceptual do modelo de moderação para a predição do bem-estar psicológico.</i>	17
Figura 3. <i>Efeito da moderação do suporte social entre a experiência de vitimação por stalking e a ansiedade.</i>	24
Figura 4. <i>Efeito da moderação do suporte social entre a experiência de vitimação por stalking e a depressão.</i>	25
Figura 5. <i>Efeito da moderação do suporte social entre a relação entre a experiência de vitimação por stalking e o bem-estar psicológico (Domínio do Meio).</i>	28
Figura 6. <i>Efeito da moderação do suporte social entre a relação entre a experiência de vitimação por stalking e o bem-estar psicológico (Crescimento Pessoal).</i>	28

Índice de Tabelas

Tabela 1. <i>Características sociodemográficas da amostra</i>	18
Tabela 2. <i>Medidas descritivas das variáveis em estudo: QEVIA, MSPSS, BSI e EBEP</i>	22
Tabela 3. <i>Vitimação e Sintomatologia Psicopatológica: Análises de Correlação</i>	22
Tabela 4. <i>Vitimação, Suporte social e Sintomatologia psicopatológica: Testes de moderação..</i>	23
Tabela 5. <i>Vitimação e BEP: Análises de Correlação</i>	25
Tabela 6. <i>Vitimação, Suporte social e BEP: Testes de moderação</i>	26

Lista de Acrónimos

MSPSS- *Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido*

F- *Família*

A- *Amigos*

OS- *Outros Significativos*

IVS- *Inventário de Vitimação por Stalking*

BSI- *Inventário de Sintomas Psicopatológicos*

DEP- *Depressão*

ANS- *Ansiedade*

EBEP- *Escala de Bem-Estar Psicológico*

A- *Autonomia*

DM- *Domínio do Meio*

CP- *Crescimento Pessoal*

RP- *Relações Positivas*

OV- *Objetivos de Vida*

AS- *Aceitação de Si*

BE- *Bem-Estar*

SS- *Suporte Social*

OMS- *Organização Mundial da Saúde*

Enquadramento Teórico

***Stalking*: Definição(ões) e Dinâmicas Prototípicas do Fenómeno**

O termo *stalking*, estrangeirismo de origem inglesa, foi recentemente integrado em dicionários da língua portuguesa (e.g., infopédia- Dicionários Porto Editora) e designa uma forma específica de violência interpessoal. No contexto nacional e atendendo à impossibilidade de uma tradução linear, alguns autores têm vindo a utilizar designações aproximadas para nomear o fenómeno (e.g., Assédio Persistente, Perseguição), na certeza, porém, de se referirem ao mesmo conceito.

Não obstante tal consenso no plano da designação concetual em Portugal como em vários outros países, subsistem várias propostas e um vasto debate relativamente à sua definição e operacionalização, que globalmente, podem ser agrupadas em duas principais orientações: uma de natureza legal e ancorada em critérios jurídicos, outra de natureza mais compreensiva e ancorada na perspetiva de pessoa-alvo de tal experiência. (e.g., Spitzberg & Cupach, 2007).

No Código Penal nacional, o *stalking* (tipificado no Artigo 154º-A sob a epígrafe de Perseguição), enquanto padrão de conduta reiterado diz respeito ao ato de "perseguir ou assediar outra pessoa, por qualquer meio, direta ou indiretamente, de forma adequada a provocar-lhe medo ou inquietação ou a prejudicar a sua liberdade de determinação (...)". Por sua vez, Grangeia e Matos (2010, p.124), definem este tipo de violência como um "padrão de comportamentos de assédio persistente, que se traduz em formas diversas de comunicação, contacto, vigilância e monitorização de uma pessoa-alvo". Neste último caso, reconhece-se que a significação desta experiência depende largamente da interpretação subjetiva da pessoa que deles é alvo, indo ao encontro da perspetiva e propostas de outros autores internacionais (e.g., McKeon, McEwan & Luebbers, 2014). Especificamente, destaca-se e alerta-se para a natureza complexa do fenómeno, quer em termos sociais, quer comportamentais (O'Connor & Rosenfield, 2004), desde logo porque o seu "território e fronteiras" nem sempre são claras e estanques por referência a comportamentos rotineiros e não violentos.

Sendo certo que a variabilidade de definições adotadas tende a produzir algumas variações nas evidências e conclusões empíricas acerca do fenómeno (nomeadamente ao nível das taxas de prevalência), o conhecimento acumulado durante as últimas décadas permite mapear

e caracterizar aquelas que são as suas dinâmicas mais prototípicas. Trata-se de um tipo de violência que inclui uma vasta panóplia de comportamentos tipicamente organizados num contínuo, desde atos aparentemente inofensivos (e.g., oferecer presentes) até estratégias mais intimidatórias (e.g., ameaças e perseguição) (Spitzberg & Cupach, 2007).

Assim, e ao contrário de outras formas de violência cuja "tipificação" está intrinsecamente dependente da natureza dos comportamentos (e.g., violação), no caso do *stalking* importa, sobretudo, atender e considerar o respetivo padrão de manifestação, uma vez que é pela sua persistência, reiteração, assim como caráter cumulativo e indesejado pelo alvo que os mesmos se configuram como violentos e atentam contra os direitos, liberdades e garantias individuais (Dunn, 2002; Kamir, 2001; Grangeia & Matos, 2009).

Purcell, Pathé e Mullen (2004), referem que para que determinados comportamentos possam ser tipificados como *stalking*, estes devem caracterizar-se por um assédio persistente cuja duração seja igual ou superior a duas semanas.

A literatura documenta também de forma bastante solidificada e consensual, a tendência para a escalada das estratégias, quer ao nível da frequência, quer da severidade (e.g., Miglietta & Maran, 2016; Spitzberg, 2016). No extremo mais gravoso, o *stalking* pode culminar em atos de violência (potencialmente) letal, cujo risco importa não desconsiderar. De resto, foram estes casos mais extremos que potenciaram a atenção pública em relação ao fenómeno (EUA, finais da década de 80) e que, numa fase inicial, permitiram conjugar esforços jurídicos, legais e científicos de combate ao problema (Meloy, 1999).

Na atualidade, reconhece-se também o caráter multifacetado e abrangente do fenómeno de *stalking*, caracterizado pelos seus diferentes "sub-fenómenos", em função do contexto de emergência dos comportamentos. Cada um desses contextos específicos, para além de envolver intervenientes com diferentes tipos de relações prévias e motivações potencialmente divergentes, encerra especificidades próprias e, consequentemente, diferentes tipos de riscos.

Embora existam várias propostas, destacamos aqui uma das tipologias de vítimas mais referenciada da literatura da especialidade e que considera não apenas o contexto de vitimação, mas também a relação vítima/*stalker*. Assim, de acordo com Pathé, Mullen e Purcell (2001), podem ser identificadas sete categorias de vítimas (não mutuamente exclusivas): vítimas de ex-parceiros, vítimas de conhecidos ou amigos, vítimas em contexto de uma relação profissional de apoio, vítimas em contexto laboral, vítimas por desconhecidos e celebridades vítimas. Embora as

motivações possam ser diversas, tendem a localizar-se algures nos extremos entre o desejo de intimidade/reconciliação (em função da existência ou não de uma relação prévia) e o desejo de vingança (pelo término da relação ou por algum comportamento da vítima que o/a *stalker* tenha interpretado como prejudicial, como no caso das vítimas em contexto laboral, por exemplo). Para além disso, e embora o *stalking* por desconhecidos despolete, tipicamente, maiores sentimentos de medo, preocupação e/ou insegurança, as vítimas de ex-parceiros são o grupo de maior risco de violência física, de persistência e reincidência dos comportamentos (cf., McEwan, Mulen & Purcell, 2007).

Ainda que este tipo de violência tenha tardado a ser reconhecido como tal e, não obstante os mitos e crenças sociais que ainda tendem a legitimar a sua perpetuação com base nos ideais românticos do cortejamento e paixão (e.g., Matos & Grangeia, 2010), vários estudos atestam a sua elevada prevalência. Globalmente, numa meta-análise de trabalhos sobre este tópico, Spitzberg e Cupach (2007) documentaram taxas de prevalência situadas entre 2% e 13% para os homens e 8% e os 32% para as mulheres. Em Portugal, no único inquérito nacional de vitimação por *stalking*, conduzido junto de uma amostra representativa da população (N= 1210), conclui-se que 13,3% dos homens e 25% das mulheres foram alvo de *stalking* em algum momento das suas vidas, sendo o sexo (feminino) e a idade (mais novos) identificados como fatores de risco para este tipo de experiência (Matos, Grangeia, Ferreira & Azevedo, 2011). Apesar disso e, sobretudo, das dificuldades reportadas (ao nível da saúde física e emocional, ao nível laboral, do estilo de vida, entre outros), conclui-se no mesmo estudo que a maioria das vítimas não procurou qualquer tipo de apoio para fazer face às mesmas, o que pode denotar a sua dificuldade em se reconhecerem como vítimas efetivas de uma experiência violenta.

Consequências e Impacto na Saúde Mental da Vitimação por *Stalking*

Para além do consenso em torno das dinâmicas prototípicas e cenários de vitimação, existe também substancial acordo entre aqueles que estudam o fenómeno e/ou nele intervêm acerca do potencial impacto e consequências deste tipo de violência (Spitzberg & Cupach, 2007).

De facto, e contrariando os mitos e crenças populares de que o *stalking* não causa qualquer tipo de mal-estar e que as vítimas podem até sentir-se lisonjeadas pelo interesse do/a *stalker* (e.g., Matos, Grangeia, Ferreira & Azevedo, 2001), as evidências empíricas sustentam a

forte relação entre este tipo de experiência e níveis de particular desajustamento psicoemocional, consubstanciado em sentimentos de medo, hipervigilância, desconfiança, abandono, falta de controle, desânimo, tentativas de suicídio, entre outros (e.g., Mullen, Pathé & Purcell, 2001). Não raras vezes, as dificuldades experienciadas por este tipo de vítimas podem mesmo traduzir-se em quadros de perturbação psicológica, sendo observado maioritariamente depressão major (Kuehner, Gass & Dressing, 2007), manifestações clínicas ou subclínicas de perturbação de stress pós-traumático (Kamphuis & Emmelkamp, 2001) e outras perturbações de ansiedade (Kuehne et al., 2007).

Num estudo levado a cabo por Mechanic, Uhlmansiek, Weaver e Resick (2002), com a participação de mulheres batidas vítimas de *stalking*, foi possível observar que experiências de *stalking* mais severas, evidenciam índices superiores de indicadores traumáticos e sintomas depressivos também eles inexoráveis. Este estudo demonstra que há uma relação significativa entre a severidade da experiência e a severidade das consequências que a mesma acarreta.

A nível nacional, num estudo efetuado por Ferreira e Matos (2013), contando com a participação de 104 mulheres vítimas de abuso na relação e de *stalking* após o seu término, pretendeu-se apurar as dinâmicas associadas a este tipo de vitimação, tal como as respostas dadas pelas vítimas e os preditores de desajustamento psicossocial dadas pelas mesmas. Relativamente ao impacto deste tipo de vitimação, a maioria das vítimas relataram sentir-se “assustada ou amedrontada” (N=67), assumindo também que a conduta do agressor influenciou negativamente as suas vidas (N=93). Tendo em conta o impacto psicossocial e fatores de desajustamento, pode-se verificar que 57.7% das vítimas demonstram-se como clinicamente ajustadas e, 42.3% manifesta desajustamento clinicamente significativo.

Embora de forma menos expressiva, outros trabalhos têm também analisado o impacto deste tipo de experiência ao nível do bem-estar, assumindo que a saúde mental não pode apenas ser concetualizada a partir de reações negativas, como ansiedade e depressão (Diener, 1994). Num estudo realizado na Alemanha (N=679), Dressing, Gass e Kuehner (2005), concluíram que os efeitos na vítima a nível da saúde psicológica são significativos demonstrando também uma grande taxa de violência física e sexual em contexto de *stalking*. Usaram como instrumento um questionário sobre o *stalking* e o “Who-5-Well-being-index”, caracterizado como uma ferramenta psicométrica que deteta sintomas de depressão na população em geral, tendo em conta o bem-estar psicológico entre as vítimas e não vítimas de *stalking* (Henkel, Mergl &

Kohnen, 2003). Posteriormente utilizaram também o “PHQ-questionnaire” que permite a comparação entre vítimas e não vítimas de *stalking*, ao nível das dimensões psicopatológicas. Como resultados pode-se concluir que no total, 11,6% dos sujeitos reportaram que foram submetidos a assédio repetido em algum momento das suas vidas. Ao nível das mudanças referentes ao estilo de vida, algumas vítimas reportaram como resposta ao *stalking*, por exemplo, adoção de novas medidas de segurança e mudança de residência. Contudo, tendo em conta os resultados obtidos no instrumento WHO-5 (Bech, 2004), conclui-se que os níveis de bem-estar nas vítimas de *stalking* mostrou-se maioritariamente pobre, comparativamente com as pessoas sem qualquer história de *stalking*. Sendo que os resultados obtidos pelo teste podem variar de 0 a 25, resultados abaixo de 13 indicam pobre bem-estar e pode representar-se como um indicador de depressão, resultados estes que foram encontrados em vítimas de *stalking*, não havendo diferença ao nível do sexo. Através do instrumento PHQ-D (Loewe et al., 2004), verificou-se que as vítimas evidenciam elevados níveis de depressão, sintomas somáticos, ansiedade e stress.

Outros estudos posteriormente efetuados por Dressing, Kuehner e Gass (2005), usando os mesmos instrumentos acima referidos, obtiveram resultados similares, demonstrando que as vítimas deste fenómeno revelam níveis inferiores no que se refere ao bem-estar e qualidade de vida.

Como se pode verificar, a vitimação por *stalking* causa nas vítimas um impacto, que não se refere apenas a sintomas físicos, mas também, ao nível mental e do bem-estar, tendo em conta aspetos referidos anteriormente como o facto de vítimas de *stalking* referirem níveis inferiores de bem-estar comparativamente com não-vítimas. Segundo o que a Organização Mundial da Saúde (OMS) defende, a saúde não se pode definir apenas como “ausência de doença”, mas sim como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social”. Assim sendo, é necessário ter em conta, a sintomatologia evidenciada pela vítima, mas também o seu nível de bem-estar, só assim estaremos perante uma perspetiva holística de saúde mental.

Parece necessário investir mais no estudo do impacto deste tipo de vitimação no que se refere à saúde mental e ao bem-estar.

A Importância do Suporte Social Face a Experiência de Vitimação

Global e genericamente, o suporte social tem vindo a ser identificado como uma condição protetora e promotora de saúde (Siqueira, 2008).

Não obstante, este é um construto de difícil definição, desde logo porque engloba vários tipos, categorias e fontes, contempla diferentes dimensões e componentes. O presente estudo, usa uma escala que considera dois aspetos importantes, sendo estes, o suporte social percebido e as fontes principais de suporte que se caracterizam pela Família, Amigos e Outros Significativos.

Assim sendo, e de forma mais explicativa, importa distinguir entre suporte social recebido e percebido (Sarason, Sarason & Pierce, 1990, como citado em Cramer, Henderson & Scott, 1997): o primeiro relativo a uma dimensão de natureza mais objetiva e o segundo relativo a uma conceitualização cognitiva e interpretativa por parte do recetor. Ou seja, o suporte social percebido refere-se à perceção do individuo de sentimentos de amabilidade por parte dos outros, e também, da perceção de que os outros podem ser uma fonte de suporte em caso de necessidade. Diversos autores (e.g., Brandt & Weinert, 1981; Sarason, Sarason, Potter & Antoni, 1985; Wilcox, 1981) defendem o suporte social percebido é um melhor preditor do estado psicológico do individuo comparativamente com a medida objetiva de suporte social.

No que se refere às fontes de suporte social, esta divide-se em três fontes, a família (F), os amigos (A) e outros significativos (OS). O grupo caracterizado como outros significativos mostra-se diferente dos outros na medida em que o sujeito é o responsável por averiguar quem são para ele os “outros significativo”, podendo ocorrer situações como, cônjuge, religioso e psicoterapeuta, no caso dos adultos (Canty-Mitchell & Zimet, 2000).

Considerando especificamente os tipos, uma das distinções mais frequentemente apontada na literatura considera o informal e o formal. O primeiro remete para o apoio prestado e assegurado por familiares, amigos, vizinhos, padres, grupos sociais, entre outros, tipicamente em registo diário e/ou quotidiano. O suporte social formal, por sua vez, tende a ser assegurado por organizações sociais mais estruturadas, especificamente designadas para o efeito (e.g., hospitais, profissionais de saúde p.e., psicólogos, psiquiatras e serviços de saúde) (Dunst & Trivette, 1990).

Cohen e McKay (1984) propuseram a organização do construto em função de categorias, distinguindo entre três: suporte emocional, instrumental e informacional. O suporte emocional refere-se ao facto de existirem pessoas em quem se pode confiar, que revelam sentimentos de preocupação, valorização e carinho; é frequentemente associado a uma vertente mais psicológica e parece influir positivamente ao nível da autoestima. O suporte instrumental diz respeito a todos os tipos de apoio tangível que os outros podem prover (e.g., financeiro, no cuidado da casa ou

dos filhos). Por último, o apoio informacional, muitas vezes associado ao instrumental, traduz-se na ajuda proporcionada pelos outros através da partilha e fornecimento de informação.

Durante os últimos anos, vários estudos têm vindo a sugerir a importância do suporte social em casos de vitimação, identificando-o como um potencial “amortecedor” de impacto/s mais agravados (Cassel, 1976; Cobb, 1976).

Num estudo levado cabo por Melissa e Dorothy (2005), verificou-se que homens afro-americanos que experienciaram altos níveis de violência no namoro reportam níveis inferiores de ansiedade e depressão quando obtêm níveis superiores de suporte social maternal.

Segundo um estudo elaborado por Santi, Nakano e Lettiere (2010), com a colaboração de 57 mulheres vítimas de violência doméstica do tipo de lesão corporal dolosa, deu a conhecer que as vítimas recorrem inicialmente ao apoio fornecido pelas famílias e amigos, ou seja, aos seus meios sociais mais próximos, pondo de lado a opção de recorrer às instituições, como exemplo, serviços de saúde e delegacias. A esta escolha deve-se o facto de evitarem uma revitimização, contudo relatam que por vezes a ajuda fornecida pelas entidades mais próximas não corresponde às expectativas das vítimas, pois estas sentem-se invadidas ao nível da sua privacidade, levando a um agravamento da situação.

Num outro estudo elaborado por Scarpa e Haden (2006) cujo objetivo foi analisar os efeitos moderadores do *coping* e do suporte social na comunidade vítima de violência e comportamento agressivo, permitiu observar de uma forma mais perspicaz o impacto do suporte social. Atendendo apenas à variável suporte social, este estudo permitiu verificar que indivíduos com elevados níveis de vitimação percebem o suporte social através de amigos como um fator protetor em relação a comportamentos agressivos. A nível clínico, as descobertas neste artigo sugerem que as estratégias que promovem a perceção do suporte através dos amigos é um fator importante na medida em que pode influenciar positivamente na procura da vítima pelo tratamento.

A nível nacional, num estudo acima referido, levado a cabo por Ferreira e Matos (2013), com 104 mulheres vítimas de abuso na relação e de *stalking* após o seu término, foi possível verificar no que se refere ao suporte social, na sua maioria as vítimas referem procurar ajuda junto de amigos e familiares (N= 67), seguido das autoridades judiciais e policiais (N= 65), e/ou recorreram a estratégia de evitamento do ex-parceiro (N= 56).

O suporte social, segundo Barrios (1999, cit in Pietrukowivz, 2001), é descrito como tendo dois tipos de efeitos na saúde e no bem-estar do indivíduo, o primeiro refere-se a efeitos diretos e o segundo a efeitos indiretos. Segundo os efeitos diretos, o apoio social demonstra ter um efeito evidente sobre o bem-estar independentemente do nível de stress, o que leva a concluir que quanto maior o nível de apoio social menor é o mal-estar psicológico e, quanto menor o grau de apoio social, maior a incidência de transtornos, independente dos acontecimentos de vida stressores. O segundo efeito, designado de indireto, indica que o apoio social funciona como um moderador de outras características que influenciem o bem-estar, de uma forma mais explícita, quando as pessoas estão expostas a stressores sociais, estes tendem a exercer efeitos negativos, nomeadamente em pessoas que referem níveis de apoio social baixo.

Neste sentido, é de referir que pessoas que demonstram suporte social elevado apresentam um melhor ajuste físico e mental (Symister & Friend, 2003; Vaux, 1988). O suporte social desempenha então, um papel protetor ao longo de todo o ciclo vital (Ribeiro, 1999).

Tendo em conta toda a informação atrás estudada é importante referir que a presença de apoio social não é a total resolução para os problemas de saúde, contudo, parece ser importante ao nível do acompanhamento e tratamento, proporcionando a possibilidade de obter uma melhor qualidade de vida (Pietrukowicz, 2001). O estudo sobre o suporte social e a experiência de vitimação por *stalking* não reúne ainda muita informação.

Método Concetual da Investigação

Este estudo procura ultrapassar uma das principais lacunas identificadas na literatura sobre experiências de vitimação e que se prende com o foco tradicional no impacto e sintomas psicopatológicos decorrentes de vivências desta natureza. Assumindo-se uma perspetiva multidimensional de Saúde Mental, o trabalho a realizar irá considerar não apenas dimensões negativas do funcionamento, mas também a dimensão do BE, essencial para uma análise integradora do funcionamento psicológico individual.

Assim, o objetivo geral deste estudo é testar o papel moderador do Suporte Social na predição do funcionamento psicológico, tendo como variável antecedente a experiência de vitimação por *stalking* durante o último ano. De referir que o funcionamento psicológico é aqui conceptualizado em termos de (i) sintomatologia psicopatológica (Ansiedade e Depressão) e (ii)

bem-estar psicológico (Autonomia, Domínio do meio, Crescimento pessoal, Relações positivas, Objetivos na vida e Aceitação de Si).

Tendo em conta os argumentos teóricos supramencionados, apresentamos de seguida os esquemas dos modelos de moderação para a associação das variáveis em estudo que pretendemos analisar:

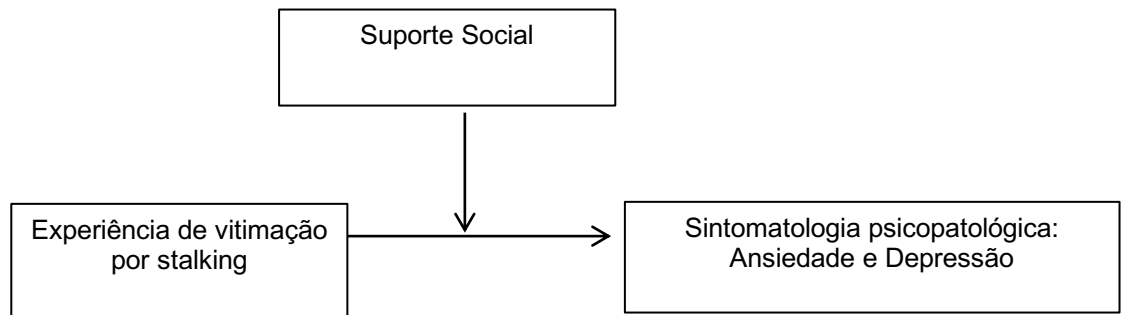


Figura 1. Diagrama conceptual do modelo de moderação para a predição da sintomatologia psicopatológica.

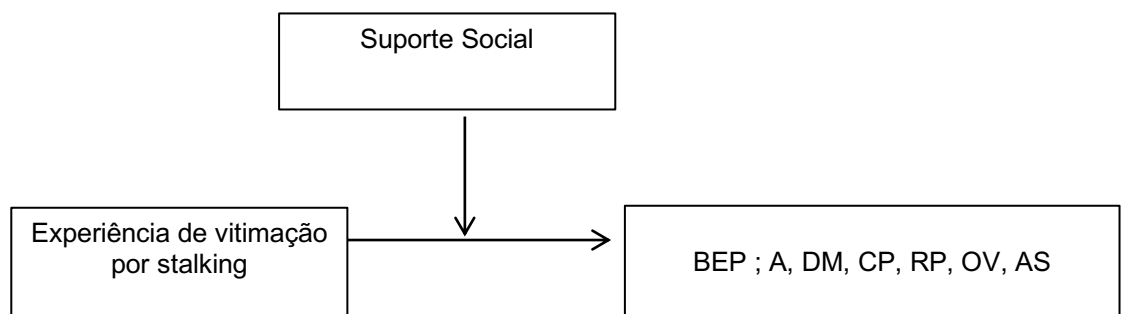


Figura 2. Diagrama conceptual do modelo de moderação para a predição do bem-estar psicológico.

H1: A experiência de vitimação por *stalking* está positivamente correlacionada com a sintomatologia psicopatológica (ansiedade e depressão);

H2: O suporte social modera a relação entre a experiência de vitimação por *stalking* e a sintomatologia psicopatológica, esperando-se que o efeito da vitimação por *stalking* na ansiedade e na depressão seja menor em condições de elevado suporte social;

H3: A experiência de vitimação por *stalking* está negativamente correlacionada com o BEP;

H4: O suporte social modera a relação entre a experiência de vitimação por *stalking* e o BEP, esperando-se que o efeito da vitimação por *stalking* em cada domínio do BEP seja menor em condições de elevado suporte social;

Método

Participantes

Para a realização deste estudo foi recrutada uma amostra a comunidade, recolhida por conveniência e constituída por um total de 494 participantes, maioritariamente do sexo feminino (M=74,8%, n=368) e com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos (M=32.35; DP= 9,43). Na sua quase totalidade, os participantes eram de nacionalidade portuguesa (98,2%, n=485), residentes nos distritos do Porto (41.8%, n= 201), Viana do Castelo (13.9, n=67) ou Braga (13.3%, n=64).

Mais de metade dos sujeitos eram solteiros (64.5%, n=316), com o nível socioeconómico avaliado como médio (49.2%, n=243) ou médio-baixo (32.6%, n=161).

Cerca de metade dos sujeitos concluiu o 1º ciclo do Ensino Superior/Licenciatura (46.4%, n=229) e, na sua maioria, encontravam-se profissionalmente ativos (60.5%, n=299) (cf., Tabela 1).

Tabela 1.
Características sociodemográficas da amostra

	M (DP; Min., Max.) / % (n)
Sexo	
Feminino	74.8 (368)
Masculino	25.1 (124)
Idade	32.35 (9.43; 18; 63)
Nacionalidade	
Portuguesa	98.2 (485)
Outra	1.8 (9)
Distrito	
Aveiro	9.1 (44)
Beja	.4 (2)
Braga	13.3 (64)

Castelo Branco	.6 (3)
Coimbra	.6 (3)
Évora	.4 (2)
Faro	.2 (1)
Guarda	.2 (1)
Leiria	.8 (4)
Lisboa	8.5 (41)
Porto	41.8 (201)
Santarém	.2 (1)
Setúbal	1.2 (6)
Viana do Castelo	13.9 (67)
Vila Real	6.0 (29)
Viseu	1.2 (6)
R. A. Açores	.6 (3)
R. A. Madeira	.6 (3)
Estado Civil	
Solteiro/a	64.5 (316)
Casado/a	28.6 (140)
Divorciado/a	6.5 (32)
Viúvo/a	.4 (2)
Envolvimento relacional/amoroso atual	
Sem Relação de Intimidade	28.2 (138)
Com Relação de Intimidade, Sem coabitação	25.5 (125)
Com Relação de Intimidade, Com coabitação	46.3 (227)
NSE	
Baixo	7.1 (35)
Médio-Baixo	32.6 (161)
Médio	49.2 (243)
Médio-Alto	10.9 (54)
Alto	.2 (1)
Escolaridade	
1º Ciclo EB	.4 (2)
2º Ciclo EB	.8 (4)
3º Ciclo EB	2.0 (10)
Secundário	18.2 (90)
1º Ciclo ES/Licenciatura	46.4 (229)
2º Ciclo ES/Mestrado	23.7 (117)
3º Ciclo ES/Doutoramento	7.1 (35)
Outro	1.4 (7)
Condição Escolar/Profissional atual	
Estudante	18.0 (89)
Trabalhador/a	60.5 (299)
Trabalhador-Estudante	9.5 (47)
Desempregado	10.9 (54)
Reformado	1.0 (5)

Nota. Os N's totais variam ligeiramente devido aos *Missing Values* e, por isso, são reportadas as percentagens válidas.

Instrumentos

Para a realização deste estudo foi utilizado um protocolo de instrumentos de autorrelato, nomeadamente:

Questionário sociodemográfico. Desenvolvido especificamente para este estudo, com a finalidade de recolher dados sociodemográficos da amostra. É constituído pelas seguintes questões: sexo, idade, nacionalidade, distrito de residência, naturalidade, estado civil, envolvimento amoroso atual, nível socioeconómico, escolaridade e condição escolar/profissional atual.

Inventário de Vitimação por Stalking (IVS; Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2009). Este instrumento de autorrelato, do tipo inventário comportamental, avalia dinâmicas de vitimação por stalking nomeadamente, comportamentos (11 itens; escala de resposta de tipo Likert, com cinco pontos, desde *Nunca* [0] a *Muitíssimas vezes* [4]), autor (escala de resposta nominal; *Pessoa desconhecida, Pessoa com quem mantinha relação íntima, Ex-parceiro/a íntimo, Outro familiar, Amigo/a ou colega de trabalho/estudo, Outro*), frequência (escala de resposta ordinal de quatro pontos, desde *Menos de uma vez por mês* [1] a *Diariamente*[4]) e duração (escala de resposta ordinal de seis pontos, desde *Menos de 2 semanas* [1] a *Mais de 2 anos* [6]).

Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI; Degoratis, 1982, versão adaptada para a população portuguesa adaptada por Canavarro, 2007): Este instrumento de autorrelato foi selecionado por fornecer uma avaliação sumária de sintomatologia psicopatológica. É constituído por um total de 53 itens, avaliados numa escala de tipo *Likert* com cinco pontos (de *Nunca* [0] a *Muitíssimas vezes* [4]) e permite obter informação relativamente a nove dimensões de sintomatologia (Somatização, Obsessões-Compulsões, Sensibilidade Interpessoal, Depressão, Ansiedade, Hostilidade, Ansiedade Fóbica, Ideação Paranoide e Psicoticismo). Em cada uma das dimensões e no resultado global, valores mais elevados correspondem a níveis superiores de sintomatologia. O instrumento tem revelado bons índices de consistência interna. Neste estudo foram apenas utilizadas as sub-escalas de depressão (6 itens) e ansiedade (6 itens).

Escala de Bem-Estar Psicológico (*Psychological Well-Being Scales- EBEP*; Ryff, 1989, versão adaptada para a população portuguesa por Novo, 2003). Este instrumento de autorrelato é constituído por 84 itens, respondidos numa escala de resposta tipo Likert de seis pontos, desde

Discordo totalmente [1] a *Concordo totalmente* [6]. Avalia o bem-estar psicológico em termos globais e em seis dimensões específicas: Autonomia, Domínio do Meio, Crescimento Pessoal, Relações Positivas, Objetivos na Vida e Aceitação de Si (14 itens por dimensão). Quer no *score* total, quer no *score* das sub-dimensões, resultados superiores correspondem a níveis superiores de bem-estar. O instrumento tem revelado bons índices de consistência interna.

Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (EMSPSSP; Zimet, Dahlem, Zimet, & Farley, 1988, versão adaptada para a população portuguesa por Carvalho, Pinto-Gouveia, Pimentel, Maia, & Mota-Pereira, 2011). Este instrumento de autorrelato permite avaliar o suporte social percebido pelo sujeito, considerando três fontes (subescalas): Família, Amigos e Outros significativos. É composto por 12 itens (quatro itens por cada subescala), respondidos numa escala de resposta de tipo *Likert* de seis pontos, desde *Discordo fortemente* [1] a *Concordo fortemente* [6]. Em cada uma das subescalas e no resultado global, valores mais elevados correspondem a níveis superiores de suporte social percebido. O instrumento tem revelado bons índices de consistência interna.

Procedimento

Este estudo integra um projeto de investigação mais amplo sobre “Experiências de vitimação na idade adulta e saúde mental: O papel de variáveis individuais e sociocognitivas”, coordenado por uma equipa de investigadores da ULP e da ULHT. O projeto foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da ULHT. A recolha de dados decorreu *online*, entre maio e julho de 2016, depois dos questionários terem sido introduzidos numa plataforma informática especificamente designada para o efeito (*GoogleForms*). O estudo foi divulgado em redes sociais e através de *mailing lists*, procurando-se alcançar um maior número de pessoas possível. Na apresentação do estudo foram tornados claros os objetivos, as condições e o carácter anónimo e voluntário da participação. Foi ainda disponibilizado um contacto de e-mail para o caso de os participantes pretenderem contactar a equipa de investigação. A aceitação de participação (consentimento informado) foi recolhida através da seleção de uma opção específica (única questão obrigatória no formulário online). O único critério de inclusão definido foi a idade: igual ou superior a 18 anos. Os dados recolhidos serão analisados através do *software IBM SPSS Statistics* (SPSS, versão 23.0).

Resultados

Medidas descritivas das variáveis em estudo

Começa-se por apresentar na Tabela 2 as medidas descritivas das variáveis em estudo: IVS (Total), MSPSS (Subescalas *Família* [F], *Amigos* [A] e *Outros* [O]), BSI (Subescalas *Ansiedade* [Ans] e *Depressão* [Dep]) e EBEP (Subescalas *Autonomia* [A], *Domínio do Meio* [DM], *Crescimento Pessoal* [CP], *Relações Positivas* [RP], *Objetivos de Vida* [OV] e *Aceitação de Si* [AS]).

Tabela 2.

Medidas descritivas das variáveis em estudo: *QEVIA*, *MSPSS*, *BSI* e *EBEP*

		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Max</i>
IVS		2.24	4.86	0	44
MSPSS	F	22.02	5.49	4	28
	A	21.89	4.83	4	28
	O	22.72	5.03	4	28
BSI	Ans	5.94	4.81	0	24
	Dep	5.44	5.20	0	24
EBEP	A	63.95	9.89	33	84
	DM	59.57	9.17	22	82
	CP	69.33	8.75	38	84
	RP	65.73	10.51	34	84
	OV	65.76	9.80	21	84
	AS	62.47	10.41	19	84

Vitimação e Sintomatologia psicopatológica – Teste da Hipótese 1

Tabela 3.

Vitimação e Sintomatologia Psicopatológica: Análises de Correlação

	1	2	3
1. IVS	-		
2. BSI_Ans	.302***	-	
3. BSI_Dep	.377***	.764***	-

Nota. Os valores apresentados representam *Coeficientes de correlação de Pearson*; *** $p < .001$

Apresentamos na tabela 3 os resultados relativos à correlação entre a vitimação por *stalking* e a sintomatologia psicopatológica, nomeadamente ansiedade e depressão. Tal como se ilustra, foram encontradas correlações positivamente significativas entre todas as variáveis em

análise, indicando que níveis superiores de vitimação por *stalking* se associam a níveis superiores de sintomatologia depressiva e ansiosa.

Vitimação, suporte social e sintomatologia psicopatológica: Testes de moderação – Teste da Hipótese 2

Tabela 4.

Vitimação, Suporte social e Sintomatologia psicopatológica: Testes de moderação

		R ²	F (df ₁ , df ₂)	p	β	P
Ans	IVS	.121	(3, 460)	.000	1.471	.000
	MSPSS_F				-.616	.005
	IVS *MSPSS_F				-.159	.431
	IVS	.107	(3, 464)	.000	1.206	.000
	MSPSS_A				-.654	.003
	IVS *MSPSS_A				-.236	.247
	IVS	.136	(3, 466)	.000	.941	.001
	MSPSS_O				-.513	.018
	IVS *MSPSS_O				-.641	.000
Dep	IVS	.188	(3, 456)	.000	1.596	.000
	MSPSS_F				-1.085	.000
	IVS *MSPSS_F				-.236	.255
	IVS	.191	(3, 461)	.000	1.407	.000
	MSPSS_A				-1.201	.000
	IVS *MSPSS_A				-.304	.134
	IVS	.238	(3, 463)	.000	1.129	.000
	MSPSS_O				-1.464	.000
	IVS *MSPSS_O				-.530	.001

Nota. Os valores β representam coeficientes não padronizados.

De forma a analisar o potencial efeito moderador do suporte social na relação entre a experiência de vitimação por *stalking* e a sintomatologia psicopatológica, efetuaram-se duas análises de regressão linear múltipla (VD₁: Ansiedade; VD₂: Depressão). Para tal, procedemos à centralização dos valores da variável independente/preditora (Vitimação por *stalking*) e das variáveis moderadoras (MSPSS_F, MSPSS_A e MSPSS_O), por forma a eliminar a colinearidade não essencial.

Tal como se ilustra na tabela, os resultados indicaram efeitos de moderação estatisticamente significativos da variável ‘Outros’ na relação entre a vitimação sofrida e a sintomatologia ansiosa (β= -.641, p= .000) e depressiva (β= -.530, p= .001).

Não foram encontrados outros efeitos de interação/moderação estatisticamente significativos.

Através da ferramenta *ModGraph* realizou-se as figuras representativas das relações de moderação.

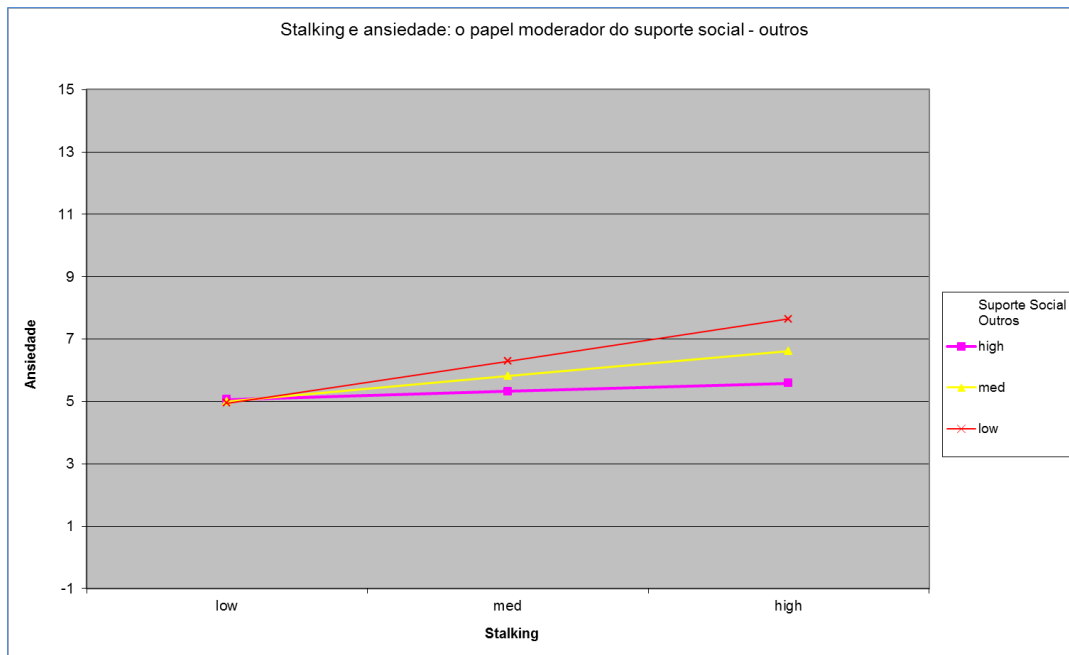


Figura 3. Efeito da moderação do suporte social entre a experiência de vitimação por stalking e a ansiedade.

Quando níveis elevados de *stalking* são experienciados, são os participantes com reduzido suporte dos outros que apresentam níveis mais elevados de ansiedade. Por oposição, quando níveis elevados de *stalking* são experienciados, são os participantes com elevado suporte dos outros que apresentam níveis mais reduzidos de ansiedade.

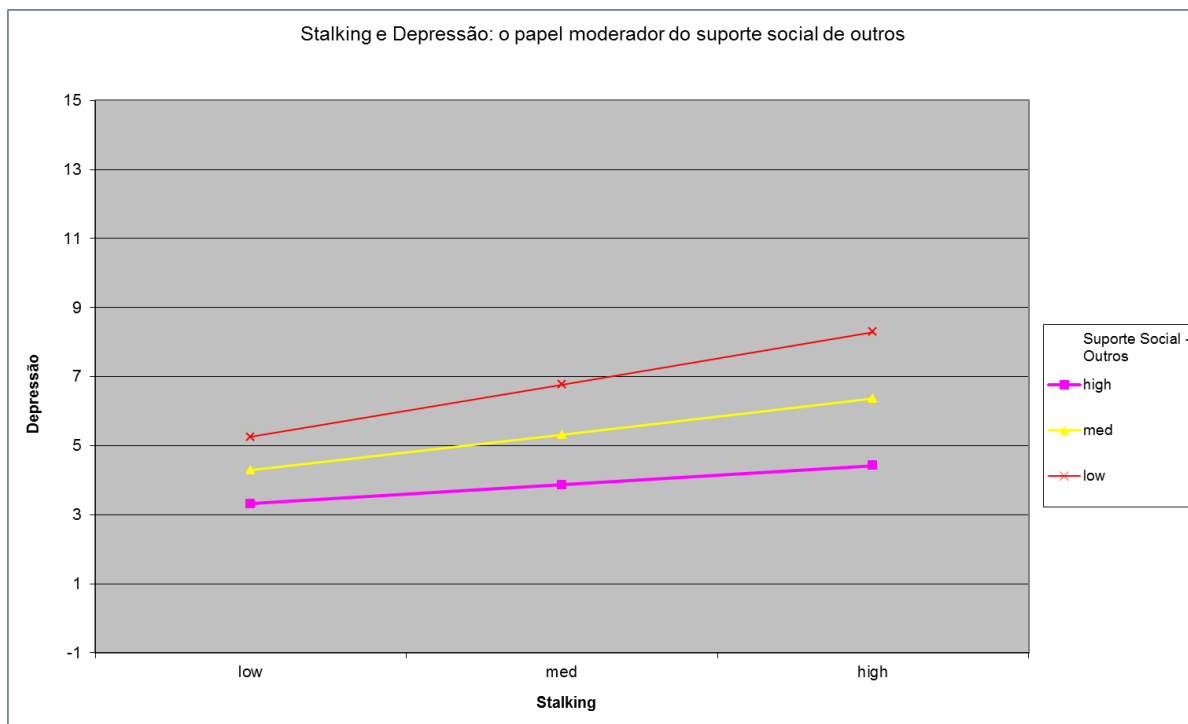


Figura 4. Efeito da moderação do suporte social entre a experiência de vitimação por stalking e a depressão.

Quando níveis elevados de *stalking* são experienciados, são os participantes com reduzido suporte dos outros que apresentam níveis mais elevados de depressão. Por oposição, quando níveis elevados de *stalking* são experienciados, são os participantes com elevado suporte dos outros que apresentam níveis mais reduzidos de depressão.

Não foram encontrados outros efeitos de interação/moderação estatisticamente significativos.

Vitimação e BEP – Teste da Hipótese 3

Tabela 5.
Vitimação e BEP: Análises de Correlação

	1	2	3	4	5	6	7
1. IVS	-						
2. EBEP_A	-.152**	-					
3. EBEP_DM	-.262***	.582***	-				
4. EBEP_CP	-.186***	.560***	.549***	-			
5. EBEP_RP	-.225***	.402***	.613***	.575***	-		
6. EBEP_OV	-.292***	.555***	.771***	.644***	.615***	-	
7. EBEP_AS	-.259***	.653***	.809***	.605***	.653***	.766***	-

Nota. Os valores apresentados representam Coeficientes de correlação de Pearson. ** $p < .01$; *** $p < .001$

A tabela 5 descreve os resultados relativos às correlações entre a experiência de vitimação por *stalking* e as seis dimensões do bem-estar psicológico (Autonomia, Domínio do Meio, Crescimento Pessoal, Relações Positivas, Objetivos na Vida e Aceitação de Si). Os resultados indicaram a existência de correlações negativamente significativas entre todas as dimensões do bem-estar psicológico e a experiência de vitimação, sendo que níveis superiores deste tipo de vitimação estavam associados a níveis inferiores de bem-estar psicológico.

Vitimação, suporte social e BEP: Testes de moderação – Teste da Hipótese 4

Tabela 6.

Vitimação, Suporte social e BEP: Testes de moderação

		R ²	F (df ₁ , df ₂)	P	B	P
EBEP_A	IVS		(3, 452)		-.419	.567
	MSPSS_F	.048	7.575	.000	1.538	.001
	IVS *MSPSS_F				.571	.179
	IVS		(3, 457)		-.899	.177
	MSPSS_A	.073	11.998	.000	2.269	.000
	IVS *MSPSS_A				.115	.781
	IVS		(3, 459)		-.340	.574
	MSPSS_O	.078	12.959	.000	2.341	.000
	IVS *MSPSS_O				.392	.246
EBEP_DM	IVS		(3, 447)		-2.464	.000
	MSPSS_F	.195	36.075	.000	3.326	.000
	IVS *MSPSS_F				-.662	.078
	IVS		(3, 454)		-2.928	.000
	MSPSS_A	.190	35.427	.000	3.164	.000
	IVS *MSPSS_A				-1.07	.003
	IVS		(3, 454)		-1.827	.001
	MSPSS_O	.189	35.327	.000	3.337	.000
	IVS *MSPSS_O				-.200	.502
EBEP_CP	IVS		(3, 451)		-.628	.327
	MSPSS_F	.097	16.077	.000	2.467	.000
	IVS *MSPSS_F				.135	.715
	IVS		(3, 456)		-.346	.543
	MSPSS_A	.147	26.216	.000	3.176	.000
	IVS *MSPSS_A				.231	.521
	IVS		(3, 457)		.126	.812
	MSPSS_O	.144	25.677	.000	2.889	.000
	IVS *MSPSS_O				.701	.016
EBEP_RP	IVS		(3, 452)		-1.300	.065
	MSPSS_F	.249	49.911	.000	4.901	.000
	IVS *MSPSS_F				-.102	.803
	IVS		(3, 456)		-.739	.171
	MSPSS_A	.461	129.792	.000	6.941	.000
	IVS *MSPSS_A				-.151	.654
	IVS	.274	(3, 458)	.000	-1.099	.058

	MSPSS_O		57.721		5.058	.000
	IVS *MSPSS_O				.140	.663
EBEP_OV	IVS		(3, 448)		-2.336	.001
	MSPSS_F	.222	42.532	.000	3.706	.000
	IVS *MSPSS_F				-.281	.467
	IVS		(3, 453)		-2.946	.000
	MSPSS_A	.202	38.228	.000	3.404	.000
	IVS *MSPSS_A				-.699	.068
	IVS		(3, 453)		-2.044	.000
	MSPSS_O	.275	57.231	.000	4.540	.000
	IVS *MSPSS_O				-.173	.571
EBEP_AS	IVS		(3, 439)		-1.802	.017
	MSPSS_F	.170	29.944	.000	3.459	.000
	IVS *MSPSS_F				.274	.573
	IVS		(3, 445)		-2.251	.001
	MSPSS_A	.171	30.550	.000	3.521	.000
	IVS *MSPSS_A				-.260	.570
	IVS		(, 446)		-1.982	.002
	MSPSS_O	.178	32.256	.000	3.671	.000
	IVS *MSPSS_O				-.099	.777

Nota. Os valores β representam coeficientes não padronizados.

De forma a analisar o efeito moderador do suporte social na relação entre a experiência de vitimação por *stalking* e o bem-estar psicológico, efetuou-se um conjunto de análises de regressão linear múltipla, à semelhança do realizado para as variáveis relativas à sintomatologia (neste caso, VD₁: Autonomia; VD₂: Domínio do Meio; VD₃: Crescimento Pessoal; VD₄: Relações Positivas; VD₅: Objetivos na Vida; VD₆: Aceitação de Si).

Para o efeito, utilizou-se também os valores centralizados da variável independente/preditora (Vitimação por *stalking*) e das variáveis moderadoras (MSPSS_F, MSPSS_A e MSPSS_O), por forma a eliminar a colinearidade não essencial.

Os resultados obtidos e apresentados na tabela 6 indicaram um efeito de interação/moderação estatisticamente significativo da variável “Amigos” na relação entre a vitimação sofrida e a dimensão do bem-estar relativo ao “Domínio do Meio” ($\beta = -1.07$, $p = .003$). Foi também encontrado um efeito moderador estatisticamente significativo da variável “Outros” na relação entre a vitimação e a dimensão do bem-estar relativo ao “Crescimento Pessoal” ($\beta = .701$, $p = .016$).

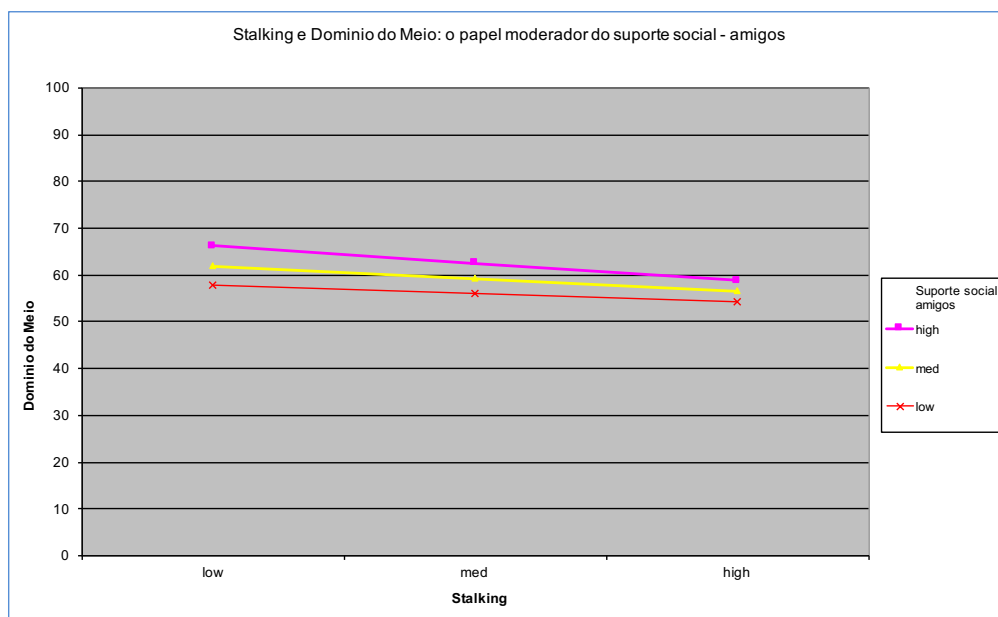


Figura 5. Efeito da moderação do suporte social entre a relação entre a experiência de vitimação por stalking e o bem-estar psicológico (Domínio do Meio).

Os resultados sugerem que, quando os níveis de *stalking* são elevados, o nível de bem-estar parece não variar significativamente em função do suporte social dos amigos. No entanto, quando níveis reduzidos de *stalking* são experienciados, mas níveis mais elevados de suporte social dos amigos são reportados, níveis mais elevados de bem-estar (DM) parecem emergir.

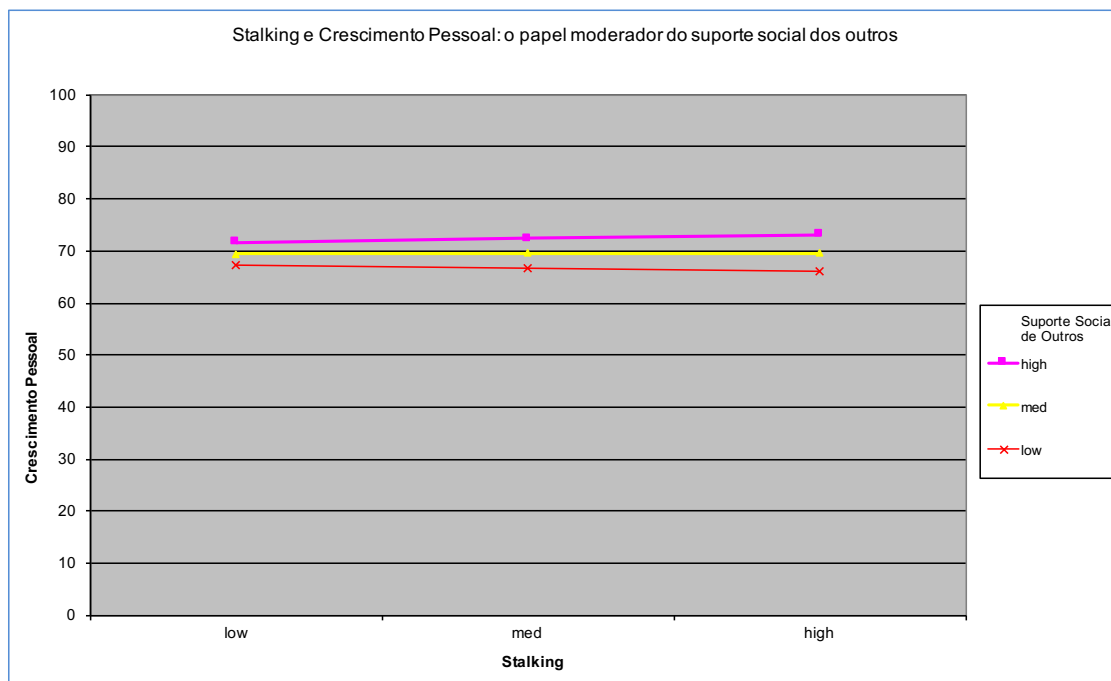


Figura 6. Efeito da moderação do suporte social entre a relação entre a experiência de vitimação por stalking e o bem-estar psicológico (Crescimento Pessoal).

Quando níveis elevados de *stalking* são experienciados, são os participantes com elevado suporte dos “Outros” que apresentam níveis mais elevados de crescimento pessoal (efeito buffer).

Não foram encontrados outros efeitos de moderação estatisticamente significativos.

Discussão/Conclusão

Neste estudo analisou-se a associação entre experiências de vitimação por *stalking* na idade adulta e funcionamento psicológico, assim como o potencial efeito moderador do suporte social em tal relação.

Tendo em conta a abordagem multidimensional do funcionamento psicológico, o indivíduo encontra-se em funcionamento ótimo quando apresenta níveis elevados de bem-estar psicológico e níveis baixos ou mesmo ausentes de sintomatologia psicopatológica (e.g, Jahod, 1958; OMS, 2002; Ryff, 1989). Neste sentido, este trabalho tornou-se útil na medida em que procurou ir mais além, assumindo uma perspetiva multidimensional de saúde mental, considerando as dimensões do bem-estar numa procura de melhor entender o funcionamento psicológico individual em situações de vitimação por *stalking* e o papel que o suporte social poderá ter nesta relação.

Na maioria dos estudos com adultos vítimas de *stalking*, tem sido enfatizado as consequências negativas deste tipo de vitimação, nomeadamente no que se refere à sintomatologia psicopatológica, referindo que em inúmeras vezes as vítimas evidenciam quadros de perturbação psicológica, nomeadamente depressão major, stress pós-traumático e outras perturbações de ansiedade (e.g., Kuehner, Gass & Dressing, 2007; Kamphuis & Emmelkamp, 2001; Kuehner et al., 2007; Mechanic, Uhlmansiek, Weaver & Resick, 2002). Os resultados obtidos atestam esta relação entre a sintomatologia psicopatológica, nomeadamente ansiedade e depressão e a experiência de vitimação por *stalking* (hipótese 1), consubstanciada numa correlação estatisticamente significativa. Alguns autores como, Bech (2004) e Dressing, Kuehner e Gass (2005), tem documentado e encontrado evidências empíricas que atestam a associação entre este tipo de vitimação e o impacto que a mesma causa ao nível do bem-estar psicológico. Assim sendo, de forma unanime, estes autores concluem que este tipo de crime está associado a níveis inferiores de bem-estar psicológico e de qualidade de vida. Esta afirmação vai de encontro aos resultados encontrados neste estudo, através de correlação negativamente significativa entre

as dimensões do bem-estar psicológico e a experiência de vitimação, ou seja, níveis superiores de vitimação associam-se a níveis inferiores de bem-estar psicológico (hipótese 3).

As experiências de vitimação, revelam-se, portanto, danosas para a vítima, em diferentes aspetos da vida e saúde, sendo que o suporte social tem aqui um papel importante, mostrando-se como um fator promotor de saúde e potenciador de uma melhor qualidade de vida (Siqueira, 2008; Pietrukowicz, 2001) e pode ser fornecido por diferentes fontes como, família, amigos e outros. De acordo com o modelo SDD (Support Deterioration Deterrence), o suporte social quando preservado/percebido beneficia a saúde psicológica das vítimas, quando estas se encontram sobre situações stressoras extremas, como desastres ou situações de vitimação, em que parece haver uma tendência para uma distorção ao nível das percepções relacionadas com o apoio disponível. Este modelo defende que quanto maior for o suporte social percebido, menor serão os níveis de stress evidenciados pelas vítimas, de diferentes crimes (Norris & Kaniasty, 1996). O suporte social tem um papel ativo a nível fisiológico e cognitivo, potenciando a capacidade de adaptação dos indivíduos às situações stressantes. Assim sendo, o suporte que as vítimas recebem, não serve apenas como um amortecedor do impacto do stress, mas também, com um recurso que os indivíduos utilizam para a resolução de problemas e que resulta em níveis diminuídos de sintomatologia (Almeida & Sampaio, 2007). Em estudos levados a cabo por diversos autores (e.g, Melissa & Dorothy, 2005; Santi, Nakano & Lettiere, 2010; Scarpa e Haden, 2006), tendo em conta contextos de vitimação, foi possível concluir que o a fonte a quem as vítimas mais recorrem, são a família e os amigos, sobre a explicação de serem as pessoas mais próximas e de confiança. Ao nível do suporte social em contexto de vitimação por *stalking*, não existe ainda muita informação, contudo num estudo nacional levado a cabo por Ferreira e Matos (2013), com vítimas de *stalking*, verificou-se que as vítimas procuraram maioritariamente a ajuda junto da família e amigos, como os estudos anteriormente referidos. No caso deste estudo (hipótese 2), os resultados parecem acrescentar novas evidências sobre o suporte social, demonstrando um efeito de moderação estatisticamente significativo na fonte de suporte social, “outros”. Ou seja, os participantes com elevado suporte social dos “outros”, apresentaram níveis mais reduzidos de ansiedade/depressão em contexto deste tipo de vitimação.

Isto pode ser explicado pelo facto do *stalking* ser ainda um fenómeno de concetualização recente e permeável à legitimização e tolerância social, o que pode levar a que a rede de suporte informal (família e amigos) não seja suficientemente eficaz no apoio a este tipo de vitimação,

tendo também em conta que por vezes eles podem não reconhecer e/ou desvalorizar os comportamentos associados. Neste seguimento, parece justificar-se a importância e o papel central que os “outros significativos” parecem assumir a este nível, sendo que este grupo pode incluir profissionais formados para intervir no *stalking*.

Neste estudo, teve-se em conta uma conceção do funcionamento psicológico, tendo por base não apenas os aspetos negativos, mas também os aspetos positivos do bem-estar psicológico. Assim sendo, tivemos em conta a proposta multidimensional elaborada por Ryff e Keyes (1995) que divide o bem estar psicológico em seis dimensões. Relativamente à Hipótese 4 deste estudo, que pretende averiguar o efeito de moderação do suporte social entre a relação da experiência de vitimação por *stalking* e o BEP, os resultados obtidos atestam um efeito de interação/moderação da variável “Amigos” na relação entre a vitimação sofrida e a dimensão do bem-estar relativo ao “Domínio do Meio”, sendo que esta subdimensão diz respeito “à habilidade de caracterização, participação, controlo e manipulação do meio externo e respetivas instancias, em conformidade com o auto-conhecimento do próprio” (Ryff & Keyes, 1989). Foi também encontrado um efeito moderador da variável “Outros” na relação entre a vitimação e a dimensão do bem-estar relativo ao “Crescimento Pessoal”, que se descreve pelo “sentido de crescer, desenvolver, potenciar e aprimorar o “Eu”, nos constantes desafios, ao longo da vida, e aquisição do sentimento de auto-realização pelo contínuo florescimento conseguido pela abertura à experiência do indivíduo” (Ryff & Keyes, 1989). Concluindo, estes resultados pretendem aferir que quando níveis reduzidos de *stalking* são experienciados, mas níveis mais elevados de suporte social dos amigos são reportados, níveis mais elevados de bem-estar (DM) parecem emergir e também, quando níveis elevados de *stalking* são experienciados, são os participantes com elevado suporte dos “Outros” que apresentam níveis mais elevados de crescimento pessoal. O suporte social demonstra aqui a sua importância, mostrando-se como potenciador direto de impacto positivo no bem-estar (Dolbier & Steinhardt, 2000).

Apesar do carácter inovador e da relevância teórico-prática do seguinte trabalho realizado, importa destacar que o mesmo revela algumas limitações, que devem ser tidas em conta na leitura dos resultados e conclusões obtidas. Relativamente à amostra, embora se tenha revelado heterogénea, verifica-se uma grande sobreposição do sexo feminino sobre o sexo masculino, sendo que se tratou de uma amostra de conveniência. Assim, para estudos futuros seria importante privilegiar amostras mais homogéneas. Outra limitação prende-se com o facto de

terem sido utilizados instrumentos de autorrelato, o que pode causar ao nível das respostas, uma desejabilidade social. O facto do protocolo administrado ser extenso, pode ter também condicionado o nível de atenção por parte dos respondentes relativamente as ultimas questões, revelando cansaço.

Na prática os resultados indicam que as experiências de vitimação por *stalking* tem impacto no funcionamento psicológico na idade adulta, confirmado pelos valores obtidos neste estudo os efeitos podem ser da ordem da psicopatologia, nomeadamente ansiedade e depressão e, escassez de BEP. O suporte social mostrou-se também uma variável a ter em consideração quando se fala deste tipo de vitimação, mostrando-se atenuante das consequências nos indivíduos. Os resultados obtidos indicaram que o suporte social, nomeadamente dado pelos “outros”, pode contribuir para níveis inferiores de sintomatologia ansiosa e depressiva. Tendo em conta esta informação, e baseando numa abordagem holística, podem ser implementadas intervenções específicas, empiricamente validadas e tendo por referência as dinâmicas idiossincráticas deste tipo de violência interpessoal. Importará, pois, continuar a investir em políticas públicas que potenciam a formação de profissionais sobre este tipo de agressão, por forma a capacitá-los para uma resposta mais eficaz às necessidades deste tipo de vítimas.

Futuras linhas de investigação, dadas as divergências empíricas supracitadas e a escassez de estudos em algumas áreas, nomeadamente a nível nacional, são necessárias para uma melhor compreensão do fenómeno de vitimação e saúde mental, tal como o papel importante que o suporte social exerce neste meio. Concluindo, é importante a continuação dos estudos e da investigação nesta área para se compreender, totalmente, os efeitos da vitimação ao nível do funcionamento psicológico, para colmatar algumas lacunas ainda muito presentes, como o caso do suporte social e das diferentes fontes que este abarca, e o porquê de não se ter revelado positivamente significativo na fonte “família”, sendo que seria inicialmente o mais esperado. E também, ao nível do bem-estar psicológico que é por diversas vezes negligenciado.

Referências Bibliográficas

- Almeida, T. & Sampaio, F.M. (2007). Stress e Suporte Social em Familiares de Pessoas com Paralisia Cerebral. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 8 (1), 145-151.
- Carvalho, M. (2010). *O combate ao stalking em Portugal: Contributos para a definição de um protocolo de intervenção policial*. (Dissertação de candidatura ao grau de mestre). Universidade do Porto.
- Carvalho, S., Gouveia, J., Pimentel, P., Maia, D. & Pereira, J. (2011). Características psicométricas da versão portuguesa da Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (Multidimensional Scale of Perceived Social Support- MSPSS). *Avaliação psicológica em contexto clínico*, 54, 309-358.
- Dressing, H., Gass, P. & Kuehner, C. (2005). Lifetime prevalence and impact of stalking in a European population. *British journal of psychiatry*, 187, 168-172.
- Dressing, H., Gass, P. & Kuehner, C. (2007). What can we learn from the first community-based epidemiological study on stalking in Germany?. *International Journal of Law and Psychiatry*, 30, 10-17.
- Ferreira, C. & Matos, M. (2012). Violência Doméstica e Stalking Pós-Rutura: Dinâmicas, Coping e Impacto Psicossocial na Vítima. *Psicologia*, Vol. XXVII (2), 2013, *Edições Colibri*, Lisboa, 81-106.
- Giacomoni, C. (2004). Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia da SBP*, 12 (1), 43-50.
- Grych, J. & Hamby, S. (2015). The Resilience Portfolio Model: Understanding Healthy Adaptation in Victims of Violence. *Psychology of violence*, 5 (4), 343-354.
- Holt, M. & Espelage, D. (2005). Social Support as a Moderator Between Dating Violence Victimization and Depression/Anxiety Among African American and Caucasian Adolescents. *School Psychology Review*, 34 (3), 309-328.
- Jahoda, M. (1958). Current concepts of positive mental health. *New York: Basic Books*.
- Kuehner, C., Gass, P. & Dressing, H. (2006). Increased risk of mental disorders among lifetime victims of stalking- Findings from a community study. *European Psychiatry*. 22 (2007), 142-145.
- Leite, A. (2017). *Bem-estar Psicológico e Vitimação por Stalking*. (Tese de Mestrado). Universidade Lusófona do Porto.

- Lopes, L. (2011). *A Satisfação do Suporte Social e a Qualidade de Vida nos Doentes de Internamento da Unidade Hospitalar de Braga*. (Tese de Mestrado). Universidade do Porto.
- Machado, L. & Bandeira, D. (2012). Bem-estar psicológico: definição, avaliação e principais correlatos. *Estudos de Psicologia*, 29 (4), 587-595.
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C. & Azevedo, V. (2011). Inquérito de vitimação por stalking: Relatório de investigação. *Escola de Psicologia: grupo de investigação sobre stalking em Portugal*.
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C. & Azevedo, V. (2012). Vitimação por stalking: Preditores do medo. *Análise psicológica*, 1-2, 161-176.
- Monteiro, S., Tavares, J. & Pereira, A. (2012). Adaptação portuguesa da escala de medida de manifestação de bem-estar psicológico com estudantes universitários-EMMBEP. *Psicologia, Saúde & Doenças*. 13(1), 66-77.
- Mullen, P. E., Pathé, M., & Purcell, R. (2009). *Stalkers and their victims*. Cambridge: University Press.
- Ornelas, J. (1994). Suporte Social: Origens, Conceitos e Áreas de Investigação. *Análise Psicológica*, 2 (3), 333-339.
- Paúl, J., Milner, J. & Múgica, P. (1995). Childhood Maltreatment, Childhood Social Support, And Child Abuse Potential In a Basque Sample. *Child Abuse & Neglect*. 19 (8): 907-920.
- Pereira, J. (2014). *Stalking: Análise das percepções de jovens universitários*. (Projeto de Graduação para obtenção do grau de licenciatura). Universidade Fernando Pessoa.
- Ramos, M. (2017). Autoestima, autocompaixão e bem-estar psicológico na adolescência. (Dissertação de candidatura ao grau de mestre). Universidade de Lisboa.
- Rodrigues, Vera B. & Madeira, Milton. Suporte social e saúde mental: revisão da literatura. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa*. ISSN 1646-0480. 6 (2009) 390-399.
- Santi, L., Nakano, A. & Lettiere, A. (2010). Perceção de Mulheres em Situação de Violência Sobre o Suporte e Apoio Recebido em seu Contexto Social. *Texto contexto Enfermagem*. 19(3): 417-24.

- Scarpa, A. & Haden, S. (2006). Community Violence Victimization and Agressive Behavior: The Moderating Effects of Coping and Social Support. *Aggressive Behavior*, 32, 502-515. doi: 10.1002/ab.
- Silva, M. (2015). *O suporte social percebido e a satisfação com os papeis de vida numa amostra de adultos trabalhadores*. (Projeto de Graduação para obtenção do grau de licenciatura). Universidade de Lisboa.
- Silva, M. (2015). *Stalking: A previsão legal de um novo tipo de crime*. (Dissertação de candidatura ao grau de mestre). Universidade Católica Portuguesa.
- Ullman, S. (1999). Social Support and Recovery From Sexual Assault: A Review. *Aggression and Violent Behavior*. Vol.4, No. 3, 343-358.
- Yap, M. & Devilly, G. (2004). The role of perceived social support in crime victimization. *Clinical Psychology Review*. 24, 1-14. doi: 10.1016.
- Zimet, G., Powell, S., Farley, G., Werkman, S. & Berkoff, K. (1990). Psychometric characteristics of the multidimensional scale of perceived social support. *Journal of personality assessement*. 55:3-4, 610-617. doi: 10.1080.